

A MARCA DA INFÂNCIA: QUANDO O FAZER É FINGIR

RICHTER, Sandra Regina Simonis – UNISC – srichter@unisc.br

GT: Educação de Crianças de 0 a 6 anos / n.07

Agência Financiadora: Sem Financiamento

A naturalização da lógica da imagem como cópia do real, enquanto intencionalidade pedagógica, impõe interrogar as implicações não intencionais acarretadas pela insistente desconsideração à dimensão poética e ficcional da arte na educação infantil. O ficcional, enquanto dimensão do agir, é desconsiderado como um saber fazer – *fingere* – no qual aprendemos a plasticidade nos modos de existir e produzir a existência. A fenomenologia da imaginação poética em Gaston Bachelard, do corpo em Maurice Merleau-Ponty e da ação em Paul Ricoeur, permite destacar a importância de favorecer provocações tanto ao pensamento conceitual quanto ao pensamento imagético como modo de complexificar ações no mundo no ato mesmo de desenhar, pintar, modelar e construir objetos na infância. Trata-se de resistir ao sufocante realismo que engendra o ver sem visão, que aprende a palavra cega, que ensina a sobrepor o “eu penso” ao “eu posso”, a hierarquizar a quietude da contemplação da mente à inquietude do movimento dos corpos. A constatação da ausência de encanto pela variedade do mundo como signo indubitável da educação, desde a infância, permite a compreensão do que está afinal implicado na tensa discussão sobre os pressupostos que orientam as ações educativas em artes plásticas, ampliando e fecundando a discussão contemporânea em torno da aprendizagem das diferentes linguagens na infância.

PALAVRAS-CHAVE: imaginação poética, artes plásticas, infância, ficção